

## Quando a professora é poeta!

Por Jaiane Batista



Capa do livro de poemas **Zero a Zero, 15 poemas contra o genocídio da população negra**, da professora Maria Nilda de Carvalho (Dinha).

Maria Nilda de Carvalho Mota é a Dinha. Poeta, foi professora da rede Municipal da cidade de São Paulo e é pós-doutora em literatura. As primeiras respostas para perguntas que nem foram feitas, pois para muitos não importa saber, é que ela é uma mulher negra, nordestina e usa as palavras como arma, não para atingir e matar, mas para sustentar seu direito de se expressar e de se fazer entender, como parte integrante e atuante em sua sociedade puramente machista.

Seus poemas carregam tanta verdade e tanta luta, que muitas vezes, ao se deparar com um verso-realidade, você pode mesmo adotar um sentimento de luto, pela perda dela, pelas perdas de muitas mulheres, como se fossem suas. Ler o que os seus versos, muitas vezes tristes, têm a nos dizer, não é algo tão simples, uma vez que nos transportam para dentro dos sentimentos da autora. E isso não é tarefa fácil, pois, muitas vezes, não sabemos lidar com os nossos. Não recomendo iniciar a leitura do livro “Zero a Zero”, por exemplo, sem antes pegar uma caixa de lenço.

A vida, por si só, não costuma ser fácil para mulheres, independentemente da raça. Embora, sem muita dificuldade, consigo admitir que a vida das mulheres negras é infinitamente mais difícil. Acredito que não seja necessário entrar no mérito, seria como dizer mais do mesmo, como repetir gritos silenciosos de Carolina Maria de Jesus, quando ela chorava através de suas palavras. Suas lágrimas foram sim “ouvidas”, enquanto estava viva. E depois de sua morte, seu pranto virou luta, uma luta que Dinha, como outras escritoras incríveis da nossa História, segue combatendo.



Foi lendo o poema “Três lições de casa” que mergulhei em seus versos. E confesso que foi difícil emergir para respirar. Dinha começa apresentando Aristides. Um menino fofo, que ganhou um apelido engraçado. O poema segue contando um pouco da vida dele, inclusive da falta de vontade de ir à escola. As palavras não faziam muito sentido para ele, pois, afinal de contas, ele não sabia ler. O menino confidenciou que queria ser padre. Essa é uma informação que pode soar estranha ao leitor, mas nada que a autora escreve fica desconexo, mesmo algo que poderia não estar ali, como as pedras pelo caminho, obedecem ao sentido de estar exatamente onde deveriam.

E ela segue narrando a triste rotina do menino, que mesmo depois de ouvir tantas histórias boas sobre a escola, ainda resiste em aprender o mundo. Talvez rezar o “Pai Nosso” fosse o suficiente, entretanto, isso a autora não fala. Muitas vezes que li e ouvi esse poema, imaginei o pobre menino ajoelhado, sonhando com a batina, rezando a missa em um domingão ensolarado, enquanto lia para suas fiéis histórias da Bíblia.

Talvez se a escola fosse na igreja, ele teria gostado mais. E as lições de Dinha continuam, enumeradas, como se ela quisesse nos fazer lembrar de como a vida é dividida, em como o tempo passa e as coisas mudam de rumo, passando pelo fim do mundo, que não acabou, mas virou lembrança triste dos sonhos perdidos de Aristides. “Aristides Ricardo ganhara uma certidão de óbito com seu nome impresso em caixa alta”. E a poeta fala, tristemente, das lições de morte que o menino aprendeu com a polícia. Não precisaria mais se preocupar em ir para a escola, ao invés disso, sua vida virara ensinamento, como aquela canção triste que ouvimos no domingo de páscoa na igreja, sobre a morte do deus crucificado. Aristides virou poça de sangue, mas não ressuscitou no terceiro dia. Viveu tempo suficiente para sonhar, entretanto, assim como muitos, o tempo lhe foi roubado.

Não há como continuar a leitura e se sentir indiferente.

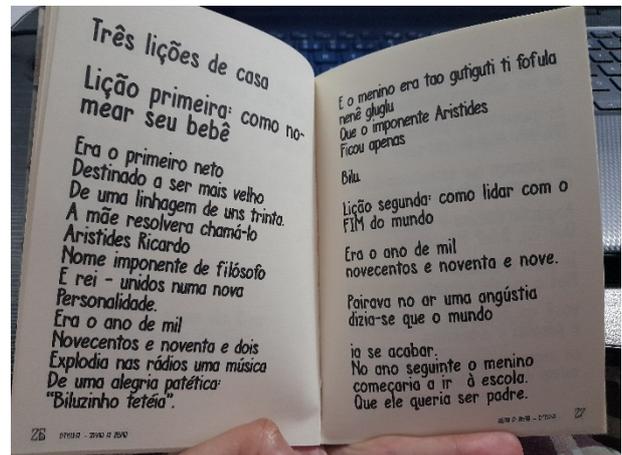


Imagem do poema “Três lições da casa”, extraído do livro de poemas *Zero a Zero, 15 poemas contra o genocídio da população negra*, da professora Maria Nilda de Carvalho (Dinha).



Em outros poemas, de seus outros livros, Dinha tenta e até promete falar de amor e as palavras até saltam de seu coração, mas não é de amor que sua voz potente quer falar, não são versos românticos que ela quer escrever. Embora sinta muito, cada tentativa de tornar seus versos um campo fértil para os apaixonados poussa as palavras em vírgulas, vira nó na garganta. A dor que ela escreve e muito provavelmente sente é quase palpável, pula das páginas e alcança até aqueles que pensavam que as lágrimas haviam secado, sem perceber que a ausência de lágrimas, também é um grito de dor.

As palavras da Dinha ecoam... Quando ela escreve de sua dor, do menino morto na viela, da dor da morte do preto pobre, da vida tirada brevemente, sem tempo para perguntas ou respostas, é quando a palavra vira vida. A vida daqueles que se foram e suas palavras têm esse poder. O poder da revolução. De tornar eterno quem morreu. Cabe ao leitor, apaixonado ou não, tomar uma postura, adotar um partido e entender de que lado da luta ele quer estar. E se a poeta consegue transformar suas tristezas e desventuras em poesias, mesmo que sejam carregadas de dor, é sobre dor que eu também quero escutar.

E a dor que ela sente lá dentro, sentida entrelinhas e entre versos, salta de suas palavras, me atingem como bala. Não como a bala que levou Aristides, mas o leitor quase sente o impacto do luto, das palavras que a dor escreveu. Cheias de vozes caladas, que escutamos hoje de luto. Pela luta, pela morte, pela dor. Por amor.

## Referências bibliográficas

MOTA, Maria Nilda de Carvalho (Dinha). *Zero a Zero, 15 poemas contra o genocídio da população negra*. São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2018.

